

NARRATIVAS DE ORÍ: UMA PROPOSTA CONTADA DE APROXIMAÇÃO AFETIVA E ANCESTRAL NEGRA

Janaina de Jesus Lopes Santana (UNIOESTE)¹

Laís Cabral Neckel (UFPB)²

Izabela Fernandes de Souza (UNIOESTE)³

RESUMO: Este artigo é fruto das vivências e trajetórias do projeto de diáspora cultural 'Narrativas de Ori' (2020), contemplado por edital promovido através do Fundo Municipal de Cultura da Fundação Cultural e do Conselho de Políticas Culturais do município de Foz do Iguaçu, que teve como finalidade a realização de contações de histórias com a temática afro-brasileira e africana, com trajetórias permeadas por ancestralidades e conhecimentos de Ori⁴. O artigo aqui apresentado tem como principal objetivo abordar como a contação de histórias pode atuar como ferramenta para a implementação da Lei nº 10.639/03, a qual estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para a inclusão e obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira. Auferimos, com esta reflexão, que a contação de histórias voltada para o debate étnico-raciais pode atuar como um modo potente e sensível de ativar a imaginação e estabelecer pontes culturais em que as práticas e histórias do povo negro apareçam como protagonistas e seus valores positivados.

PALAVRAS-CHAVE: Lei nº10.639/03. Contações de Histórias. Narrativas de Ori. Ancestralidade.

ABSTRACT: *This article is the result of the experiences and trajectories of the cultural transmission project 'Narrativas de Ori' (2020), contemplated by a public notice promoted through the Cultural Fund of the Cultural Foundation and the Council of Cultural Policies of the municipality of Foz do Iguaçu, which had with the purpose of creating storytelling with Afro-Brazilian and African themes, with trajectories permeated by ancestry and knowledge of Ori. The article presented here has as its main objective to address how storytelling can act as a tool for the implementation of Law nº 10.639/03, which establishes the guidelines and bases of national education for the inclusion and mandatory teaching of History and Culture African and Afro-Brazilian. We conclude, with this reflection, that storytelling focused on the ethnic-racial debate can act as a powerful and sensitive way to activate the imagination and establish cultural bridges in which the practices and stories of black people have achieved protagonists and their positive values.*

KEYWORDS: Law nº 10.639. Storytelling. Narratives of Ori. Ancestry.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo percorrer algumas reflexões sobre o debate étnico-racial e a implementação da Lei nº 10.639/03 através do projeto cultural 'Narrativas de Ori', criado no ano de 2018, no entrelaçamento entre as práticas de contação de história e os saberes ancestrais aprendidos e vivenciados nas religiões de matriz africana. O referido projeto

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: ninah93@gmail.com.

² Mestrado em Antropologia na Universidade Federal da Paraíba e Bacharelado em Antropologia - Diversidade Latino-americano. E-mail: lais.neckel@gmail.com.

³ Doutoranda em Letras – Literatura e Sociedade no Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: izabela.fernandesouza@gmail.com.

⁴ "Ori", cabeça, na tradução literal do nagô, que representa dentro do fundamento de matriz africana, como aponta o Babalorisá Pedro Almeida (2019): "o aspecto individual natural de cada ser", o elo, a conexão com a natureza e com o ancestral, o culto de um devir que congrega que somos por sermos partes da natureza" (ALMEIDA, 2019, p. 69).

cultural foi contemplado por edital de difusão cultural do Fundo Municipal de Cultura, da Fundação Cultural e do Conselho de Políticas Culturais do município de Foz do Iguaçu, estado do Paraná.

Neste artigo, iremos focar nas ações desenvolvidas ao longo de 2020, ano de desenvolvimento do projeto, utilizando como metodologia o relato de experiência, no sentido de análise e abordagem das ações, construção de conhecimentos e vivências proporcionadas pelo projeto. Por meio dos aprendizados e pela trajetória do projeto 'Narrativas de Orí', entendemos a relevância da atuação interdisciplinar na construção da educação infantil, a exemplo da contação de histórias, podemos discutir de forma lúdica temas como exclusão social, discriminação, racismo e intolerância religiosa, via histórias que mesclam corporalidade, oralidade e ancestralidade.

Portanto, ao contarmos histórias com temáticas étnico-raciais, tencionamos o debate sobre a reconstrução e reafirmação de traços ancestrais da cultura de algumas etnias africanas, baseando-se na implementação da Lei nº 10.639 de 2003 nas escolas e espaços/ambiente educativos.

ENTRELAÇANDO HISTÓRIAS

O projeto 'Narrativas de Orí' nasceu pela vontade de debater de forma lúdica e interdisciplinar temáticas que perpassam a sistemática do racismo, principalmente direcionado aos espaços escolares e educativos, tendo como composição a construção de contações de histórias que trataram de expressar valores e potencialidades inerentes da matriz africana. Orí, significa em tradução literal do nagô, significa cabeça. Vale destacar, como ressalva o pesquisador e babalorísá Pedro Almeida (2019) que:

a palavra Orí, é protagonista de uma confusão muito comum, que se intensificou no ambiente da diáspora com a proximidade da visão cartesiana e dualista de corpo. Corpo e Mente. Orí remete ao aspecto individual natural de cada ser, o devir ser cultuado que somos por sermos parte da natureza (sendo a natureza o objeto de culto, Orí somos nós, enquanto seres de culto, natureza). Orí foi a partir destas influências associado ao cognitivo, pensamento ou mente (e outros nomes que se possa dar). Essa confusão se intensifica porque a palavra nagô para CABEÇA é também Orí, e com o uso superficial desta tradução fortalece-se a sincronia com a relação hierárquica da MENTE em relação ao corpo (supremacia da razão) (ALMEIDA, 2019, p. 68-69)

Nossa referência busca destacar Orí como o elemento de ligação, ancestralidade e acolhimento, proposto no movimento de repassar histórias e narrativas que foram tecidas por redes de afeto, (re)existências e valores comunitários, permitindo aos ouvintes um contato com as belezas e fundamentos de uma base cultural historicamente marginalizada e estigmatizada. As narrativas de Orí, são aqui, em conexão com o referencial cultural lorubá, um modo de compartilhar a potencialidade que carregamos, sendo está o canal de fortalecimento de vínculos e o aspecto do elo ancestral negro que tratamos de positivar.

No ano de 2020 o projeto 'Narrativas de Orí' foi contemplado pelo Fundo Cultural do Município de Foz do Iguaçu/PR para desenvolver contação de histórias nas escolas da rede municipal de ensino. Entretanto, em decorrência da Pandemia causada pelo vírus da Covid - 19, o projeto precisou passar por alterações. De início, organizado de forma presencial, mas, posteriormente, passou a ser feito de forma remota (*on-line*) com vídeos transmitidos nas plataformas do Youtube, Facebook e Instagram.

As histórias foram performadas por três contadoras, Izabela Fernandes, Janaina Santana e Laís Cabral, atuantes em ações culturais e acadêmicas da cidade e que se unem

pelo interesse em comum com a temática que gira em torno das pesquisas/ações em contação de história afro-brasileira e africana. As contações de histórias foram direcionadas, principalmente, à educação infantil, com o intuito de contribuir com a implementação da Lei nº10.639/03, a qual estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para a inclusão e obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira.

A referida lei viabilizou o conhecimento da história de nosso país, que durante cinco séculos foi desconsiderada desde o sistema colonial e escravizador, propondo diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana nos ambientes educativos. No que tange à aplicabilidade da lei, educadores se direcionam para ressaltar em sala de aula a cultura de matriz africana e afro-brasileira como constituinte e formadora da sociedade brasileira, na qual a população negra é considerada enquanto sujeitos históricos, valorizando-se, portanto, o pensamento e feito de importantes intelectuais negros brasileiros, as expressões culturais (música, culinária, dança) e as religiões de matrizes africanas. Tanto africanos, indígenas e europeus, por meio de suas diversas origens étnicas, contribuíram não apenas economicamente, mas também por meio de suas culturas e histórias para a formação da sociedade brasileira.

Deste modo, ao pensarmos a aplicação do projeto na cidade de Foz do Iguaçu, procurou-se entender a ancestralidade já existente no território, localizado no encontro de três fronteiras nacionais, entre Argentina, Brasil e Paraguai. O município de Foz do Iguaçu é uma cidade cheia de histórias para contar e ouvir, assim como todo lugar onde há gente para fazê-la, local o qual o projeto buscou estabelecer relações entre a diversidade já presente e as narrativas e obras voltadas para o debate das relações étnico-racial.

A contação de histórias carrega consigo a multiplicação de conhecimentos, sendo todos nós sujeitos detentores de saberes diversos e únicos. Em uma entrevista concedida em 2010, a escritora Conceição Evaristo salientou: “o exercício da escrita é um direito que todo mundo tem. Como o exercício da leitura, como o exercício do prazer, como ter uma casa, como ter a comida(...). A literatura feita pelas pessoas do povo, ela rompe com o lugar pré-determinado” (EVARISTO, 2010). O desenvolvimento de atividades de mediação de leitura com a comunidade nos proporciona a reflexão sobre as nossas formas coletivas de posicionamento perante nossa herança para com a oralidade, com nossas histórias, identidades e pertencimento cultural, assim como o exercício destas.

Contudo, o projeto buscou exaltar histórias outras, estabelecendo conexões com o lúdico e o imaginário, vivências e características belas do viver, do brincar e do imaginar. Nesse sentido, a contação de histórias também busca dar ênfase ao ato ancestral da oralidade, tal como ao ato da escuta, proporcionando ferramentas para que a imaginação possa fluir.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

A contação de história é um fazer performático, pelo qual, via elementos lúdicos e interativos, buscamos transitar pelas questões étnico-raciais, possibilitando um momento de troca e integração entre as diferenças culturais. A ação apresenta-se como meio de valorizar os saberes-fazeres afro-brasileiros que compõem a realidade de nosso país, estimulando o contato com a leitura e a história de conformação da diversidade cultural brasileira.

A reflexão sobre as diferentes vertentes e linguagens que compõem a prática da contação de histórias tende a considerar suas variadas e distintas atuações ao longo do processo histórico, assim como em diferentes contextos sociais. Os significados e seus significantes, presentes na atuação de contadores de histórias, relaciona-se diretamente com esse entrecruzamento do momento histórico com o meio sócio-cultural, entre outros marcadores e relações que se encontram presentes no tempo e espaço de análise. No entanto,

não seria possível aqui trazer essa aprofundada compilação das discussões que centram em torno a essa temática. O que se faz enquanto importante neste momento é a compreensão da diversidade não apenas histórica da atuação de contadores de histórias, mas também em relação à diversidade dos contextos sócio-espaciais que compõem os significados de práticas desse campo de atuação/ação. Se, conseguimos perceber uma grande diversidade entre as práticas e os significados dos contadores de histórias em nosso contexto atual, é porque podemos alcançar e acessar diferentes experiências/perspectivas de outras regiões e contextos sócio-culturais. Desta forma, focamos nosso entendimento considerando o que Siqueira (2016) chama de contador de história urbano, narradores que retomam a prática da história falada nas cidades como resultante do desejo da população urbana, na busca pela partilha do sensível e de compartilhar experiências, entre outros.

Esses contadores de histórias se apresentam, assim, como sujeitos de relação-mediação das práticas milenares e tradicionais com as práticas de retomada destas em contexto urbanizado. Por meio dessa especificidade, se reconhece a prática de contadores de histórias no contexto urbano como uma prática performática (ZUMTHOR, 2007). Ou seja, como aquela que “dá ao conhecimento do ouvinte-espectador uma situação de enunciação”, que promove um momento de audição acompanhada, opondo-se “da maneira mais forte, irredutível, à leitura de tipo solitário e silencioso” (ZUMTHOR, 2007, p.68-69). Segundo Siqueira (2016), as performances de contação de histórias produziram nas últimas décadas diferentes formas narrativas, citando algumas destas práticas no contexto atual. Há aqueles que:

se utilizam de músicas e canções para compor a sua narrativa, realizando a performance musical ou atuando em parceria com algum músico. Há narradores que realizam performances manipulando ou manuseando bonecos e objetos, utilizando recursos cênicos do teatro de animação. Há os que se aproximam bastante do fazer teatral, utilizando em suas performances elementos cênicos: iluminação, cenografia e figurinos específicos para aquela determinada sessão de contos. Há narradores que sugerem a participação e interação da audiência em praticamente toda a sessão de contos, aproximando o encontro artístico dos folguedos e festas populares. Há o contador de histórias que associa sua atividade aos processos educativos. Há os que articulam o seu ofício como ferramenta à promoção da leitura e para a formação de leitores, atribuindo um sentido de mediação de leitura ao seu ofício. Há muitos educadores e educadoras que encontram no ato de narrar um conto a possibilidade de mediar a produção de conhecimento por meio do encanto que as histórias podem produzir (SIQUEIRA, p. 48-49, 2016).

Dentro das especificidades do contador de histórias urbano, desde o começo do século passado, percebe-se a variação de formatos e dinâmicas de atuação, como exposto acima, segundo o autor, ampliando e assumindo diversificados espaços, como estabelecendo outras formas de percepção das potencialidades da relação das práticas com a sociedade em questão. Nesta perspectiva, o projeto ‘Narrativas de Ori’ debruça-se na proposta de discutir a diversidade cultural fronteiriça, especificamente voltada às relações étnico raciais, levando em consideração que a cidade de Foz do Iguaçu possui a maior população negra da região sul do Brasil.

Quadro 1 - Dados populacionais de Foz Do Iguaçu

Raça ou cor	Número total	Homens	Mulheres	Com renda menor que 1 salário mínimo	Alfabetizados
Branca	162.593	77.630	84.963	24.498	141.478

Preta	9.170	4.094	4.266	2.196	7.866
Amarela	3.550	1.726	1.824	512	3.209
Parda	80.366	39.746	40.620	16.524	68.482
Indígena	406	210	196	115	339
Não declarado	3	2	1	-	3
Total	256.088	124.218	131.870	43.845	221.377

Fonte: Tabela organizada pela educadora Angela Maria de Souza (UNILA) e o acadêmico Vinicius Maderi com dados retirados do Censo 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

De acordo como os dados do IBGE, exposto acima no quadro, o município de Foz do Iguaçu possui 256.088 habitantes, segundo censo de 2010. Deste total de habitantes, 89.536 se autodeclararam negras (pretas ou pardas), o que equivale a mais de 36% da população local. Estes dados apresentam uma cidade com características bastante peculiares, com relação a sua composição étnico-racial, e desmistificam a imagem relacionada à imigração europeia, inúmeras vezes apresentada como característica do sul do Brasil.

Visando a discussão étnico-racial na prática da contação de histórias, utilizamos da literatura afro-brasileira e africana, de autores publicados em português, para compartilhar narrativas presentes nas práticas e espaços sócio-culturais de povos e populações de matriz africana. Incluímos a prática da oralidade ligada ao campo religioso de matriz africana como temas que são recorrentes na literatura infantil afro-brasileira e que ganham força ao serem contextualizados em contações de histórias que expressam a importância e significado social/antropológico das práticas cotidianas das expressões religiosas de matriz africana.

Segundo Dos Santos Filho e Alves (2017), a tradição oral se encontra no campo religioso como herança do continente africano, perpetuado como forma de manutenção da memória ancestral.

Os povos africanos trazidos para o Brasil instalaram uma tradição que ainda é preservada e que mantém viva a memória nos antepassados. A tradição oral e sua apropriação, é com isso, uma construção metodológica de difusão e construção do conhecimento de alguns povos. Ela pode ser vista também como instrumento preponderante no campo religioso de matriz africana, como no caso do Candomblé e nas sociedades afrobrasileira, como herança do referido continente (DOS SANTOS FILHO; ALVES, p.52, 2017).

É por meio dessa tradição que retomamos os significados das práticas do cotidiano no entendimento de contadores de histórias, se tratando dos significados dos contextos culturais que estruturam e dão forma as narrativas dos diferenciados e específicos ambientes sociais. O contador de histórias angolano Abdu Ferraz (2003), o qual tem em sua formação a incorporação das matrizes de tradições orais e impressas, em entrevista concedida a estudantes de pós-graduação em História pela PUC-SP (2003) conta sobre a relação e a forma que concebe o entendimento das expressões orais e a transmissão de conhecimentos. Ferraz (2003) destaca que:

O conto vem carregado de mitos, valores, religiosidade, idéias ligadas à nossa produção, modos de vida, metodologias de ensino, tudo está presente no conto. Nós não tivemos academia, ou melhor, não tivemos um espaço, naquele critério grego, de irmos sentar em um lugar para aprender. Tivemos aquele momento em torno de uma árvore, em torno de uma fogueira ou, na verdade em torno de Njango - lugar de sabedoria (...) No meu tempo, simplesmente estivemos dentro

da casa do meu avô, que tinha uma sala grande, ao mesmo tempo cozinha. Os outros meninos da aldeia chamavam meu avô de avô, porque temos essa idéia de pertencimento à comunidade. Diria, como Paulo Freire, “pertencimento à família terra”. Nesse caso, pertencemos à comunidade, permitindo chamar a todos os senhores que tinham a idade de nossos avós, de avós (FERRAZ, p.224, 2003).

Tal perspectiva no que se refere aos contos e narrativas descritas por Abdu Ferraz (2003) expõem características específicas de seu entorno, diferenciando consideravelmente de uma perspectiva ocidental, em relação a transmissão de fundamentos e sabedorias dos locais de convívio comunitário.

CONTAÇÃO EM AÇÃO: ‘NARRATIVAS DE ORÍ’ EM CONTEXTO DE PANDEMIA

A realização do projeto ‘Narrativas de Orí’ possibilitou a construção coletiva de conhecimento e o repensar de nossas práticas como educadoras e produtoras culturais/sociais, especialmente ao considerarmos o contexto de pandemia e as adaptações que emergiram no momento. A ação teve como objetivo fomentar a aproximação performática, lúdica e didática, por meio de uma abordagem sócio-educativa.

Ressaltamos que anteriormente as ações a serem efetuadas pelo do projeto seriam voltadas às escolas municipais localizadas em bairros com índices de vulnerabilidade social. Entretanto, a realização do projeto aconteceu por meio virtual, como alternativa devido ao fechamento das escolas, em decorrência da pandemia global ocasionada pelo vírus SARS/CoV-2 (Covid-19), seguindo as orientações da Organização Mundial da Saúde no que se refere ao distanciamento social e aos cuidados relativos à saúde individual e coletiva.

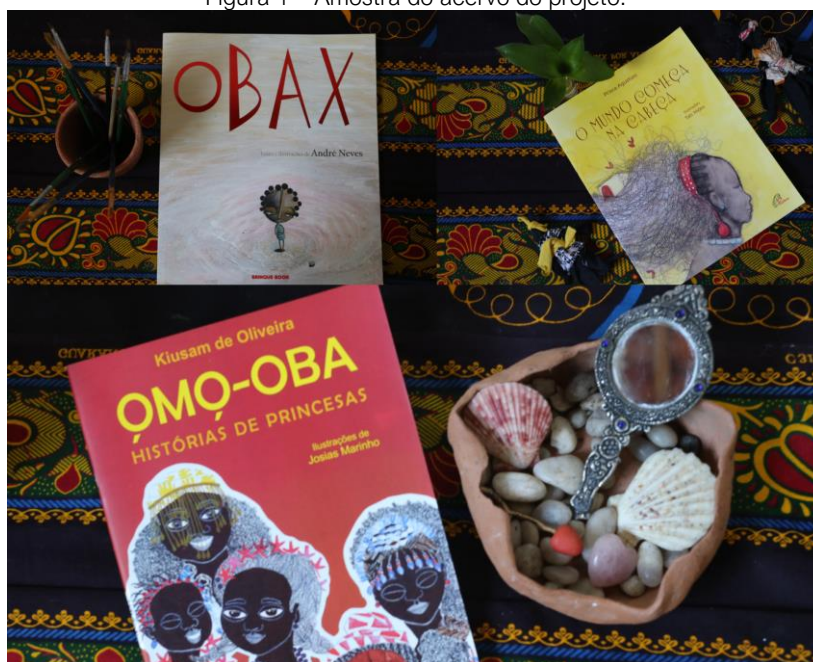
Para tanto, essa modificação da forma na qual o projeto poderia ser realizado, acarretou algumas transformações significativas, não somente no espaço de efetivação, mas também de como seria a produção nesse novo formato, apesar que anteriormente a pandemia, já tínhamos contato com as plataformas digitais, como facebook, instagram, youtube, entre outras, o contexto pandêmico proporcionou a repensar de nossas práticas como contadoras de história, perguntas como: Qual melhor maneira de abordar a história para a cena da contação no palco? Quais elementos posso usar para a realização da contação de história e como o público irá reagir a cada parte da história? Foram substituídas por outras dúvidas e questionamentos: Será que o público entendeu esse elemento no cenário? Como posicionar a câmera no ângulo que o público possa adentrar na história como sujeito presente e participante da narrativa? A iluminação está adequada para que haja a transformação desse espaço num cenário lúdico e acolhedor?

Diferente da realização do projeto Narrativas de Orí nas ruas, esse novo formato possibilitou o questionamento e a reflexão de outros lugares, como no caso da divulgação de vídeos para a internet, tendo como a principal parâmetro de interação os comentários e as compartilhamento do público em suas redes sociais, não foi incomum, pessoas comentando nos vídeos nomes de outras pessoas, as convidando para assistir e principalmente mostrar para os seus filhos e demais crianças que conhecessem.

Realizamos a produção e divulgação de dezesseis vídeos, sendo um deles a apresentação e divulgação do início do projeto. O projeto atuou por meio da construção e da seleção de livros sobre a promoção da igualdade racial, oferecendo ao público histórias e indicações de livros. A partir de nossas histórias e materiais compartilhados, colaboramos no letramento racial, de forma lúdica, interativa e propositiva, com obras selecionadas tanto para fazermos a contação de história e também para a preparação literária e acadêmica das contadoras. Os títulos foram direcionados para o escurecimento de memórias, como meio de

ampliar modos de repensar a trajetória de luta e resistência da população africana e afro-brasileira, sendo alguns destes: “O mundo começa na cabeça”, da escritora Prisca Agustoni (2011), “Omo-oba: histórias de princesas”, por Kiusam Oliveira (2009), “Ifá o adivinho”, de Reginaldo Prandi (2002), “Pedro noite”, por Caio Riter (2011), “Kakopi, Kakopi: Brincando e jogando com as crianças de vinte países africanos”, de Rogério Andrade Barbosa (2019), “Obax”, de André Neves (2010), dentre outros.

Figura 1 – Amostra do acervo do projeto.

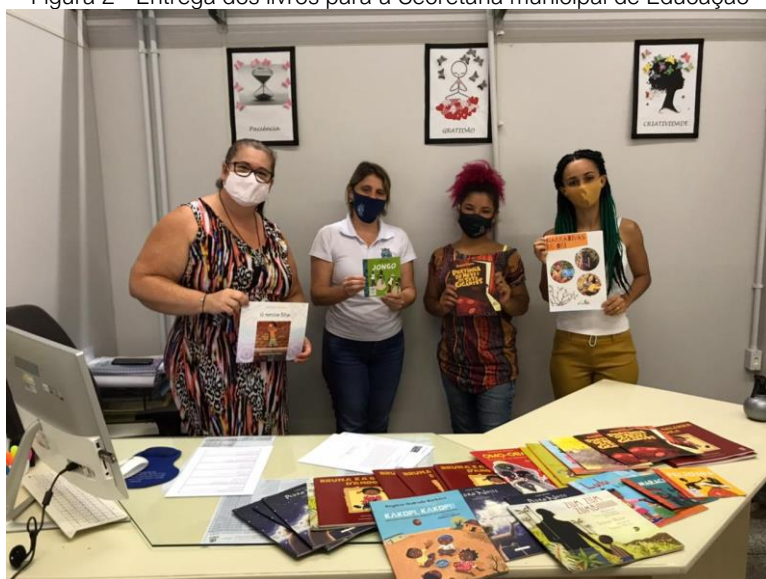


Fonte: Acervo Fundação Cultural (2020).

Como contrapartida, o projeto entregou a Secretária Municipal de Educação de Foz do Iguaçu cerca de 30 exemplares de livros⁵ que, tratam da temática étnico-racial, atuando desse modo no fortalecimento dos vínculos institucionais da temática racial dentro da escola pública. Nossa proposição buscou evidenciar a importância de direcionarmos o fomento via políticas públicas, educacionais e/ou artísticos/culturais, para a produção de um acervo literário voltado à desconstrução de estigmas e a democratização do acesso ao livro e à leitura.

⁵ Acervo Fundação Cultural Disponível em: <https://culturafoz.pmfj.pr.gov.br/publicacao-435>. Acessado dia 31 de outubro de 2021.

Figura 2 - Entrega dos livros para a Secretária municipal de Educação



Fonte: Acervo Fundação Cultural (2020).

A experiência adquirida com o projeto ‘Narrativas de Ori’, em contexto marcado por pandemia, reforça a potencialidade dos espaços virtuais que, naquela situação, condensam um modo de seguir atuando. As ações realizadas demonstraram a necessidade de seguirmos operando diferentes estratégias de acolhimento, que na difícil condição de isolamento social, de perdas e tristezas a qual nos encontrávamos, o compartilhar das expressões artístico-culturais buscou gerar momentos de trocas, afetos e acolhimento. Um modo crítico e educativo de ocupar a virtualidade, como espaço de construção e estabelecimento de vínculos de cuidado e construção coletiva.

Essas trocas também podem ser entendidas pela construção coletiva de conhecimento, através de quem assistiu os vídeos e o corpo político das três contadoras de história, mesmo com o formato remoto foi possível a interação, por meio de comentários e discussões nas plataformas virtuais. Ao trazeremos não somente as histórias, mas também as explicações sobre traços de cultura de matriz africana e as dicas de livros no final de cada vídeo. Reafirmamos assim, nosso compromisso com a implementação das ações afirmativas, tendo em vista esta lacuna que ainda persiste na educação. Nosso corpo político, ao se movimentar, repensar os processos e incorporar as políticas públicas voltadas para a população negra, fortaleceu o debate em torno da construção cultural e identitária brasileira.

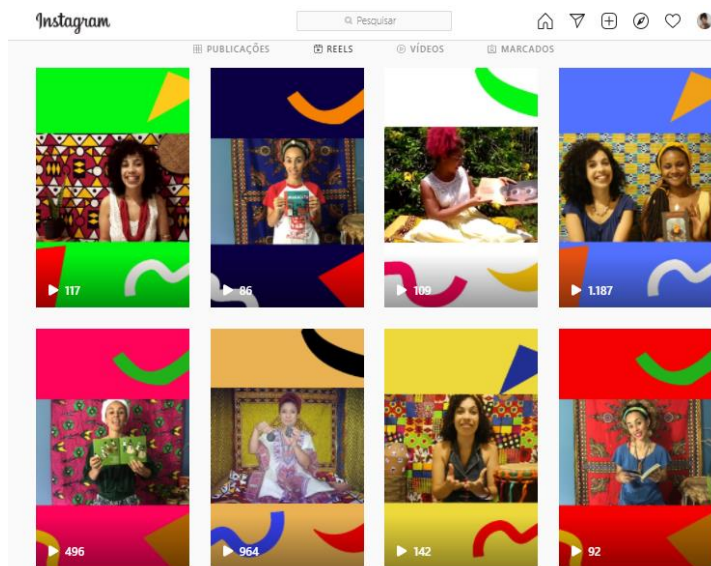
Divulgamos o projeto por meio das redes sociais e plataformas digitais, sendo estas o perfil profissional do Facebook e Instagram pertencente à contadora Izabela Fernandes, intitulado @pescandohistorias⁶ e também pelo perfil profissional da contadora Laís Cabral, denominado @retalhode.palavras⁷. Também foram publicados chamadas e cartazes nos perfis pessoais de cada uma, no @laiscabraln, @ewebelafernandes e @jesuslopessantana⁸. Outro ponto significativo foi o engajamento dos vídeos nas redes sociais, como podemos ver na imagem:

Figura 3 – Vídeos publicados no Instagram do projeto ‘Narrativas de Ori’

⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/pescando.historias/>. Acessado dia 31 de outubro de 2021.

⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/retalhode.palavras/>. Acessado dia 31 de outubro de 2021.

⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/jesuslopessantana/>. Acessado dia 31 de outubro de 2021.



Fonte: Acervo Fundação Cultural (2020).

Encontramos na composição cênica marcada pela presença de tecidos africanos, convergir um aspecto cultural étnico-racial que conta histórias, por via de diferentes elementos como: a cor, a forma, e a sua interação ou não com o corpo, são elementos que tecem significados e expandem as percepções e a recepção deste contar histórias multi interativo. O cenário também é marcado por referências étnico-culturais de matriz africana, no que diz respeito à exposição de elementos que representam elos e encontros ancestrais, como o tambor, as plantas e folhagens, bonecas negras e afins.

Com isso, buscamos destacar que o contar histórias nesta iniciativa congrega um modo de dialogar com heranças africanas e afro-brasileiras. Mesmo em ambiente virtual, os elementos que conformam o narrar são performados na conexão com uma ancestralidade negra em movimento. Expressa em corporalidades multimídias, a contação de histórias oferece ao público o acesso a diferentes elementos que significam saberes e valores afro-orientados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dificuldades atuais de trabalho na área cultural se apresentam tanto pelo viés político de desvalorização dos trabalhadores da cultura e da educação quanto pelas dificuldades impostas pela situação de pandemia, causada pela Covid-19, impactando de diferentes formas a cadeia produtiva desse setor. Em meio a esse contexto, encontramos também formas de ação da classe artística e seus trabalhadores como estratégias de dar continuidade às suas atividades pelas vias que a situação apresenta enquanto alternativa. Foi notável a apropriação dos meios digitais e redes sociais como forma de dar continuidade às atividades culturais desenvolvidas e até mesmo dar início a novos trabalhos, motivados por variadas necessidades em virtude do contexto pandêmico.

Em relação a contação de história, a adesão de profissionais dessa área às redes sociais e plataformas na internet representa um meio de atuação. Embora a pandemia se configure como desafio à produção cultural presencial, esta situação fez com que artistas se adaptassem às ferramentas do meio digital. Porém ressaltamos as dificuldades em relação à falta de apoio por parte dos órgãos institucionais, tanto para a execução das ações e divulgação dos materiais produzidos. Ainda que as atuações em contações de histórias via internet, televisão e/ou rádio não se configurem como recentes, o crescimento dessas atuações foi exponencial em um momento que essas vias se tornaram quase que exclusivas de atuação,

quando privadas do contato físico-presencial. A adaptação de nossa ação para o contexto virtual apresenta-se como uma forma de seguir conectando saberes, de estimular o contato com a leitura e a história de conformação da diversidade cultural brasileira.

Buscamos convergir ao movimento que, é cênico e interativo, da contação de história, o debate étnico-racial, a história nacional e os movimentos culturais de resistência. Por meio de uma relação que busca cada vez mais conectar, via o lúdico e o afetivo, nossas histórias, as que nos contam os mais velhos, que nos ensinam a conviver com as diferenças, a reconhecer as igualdades e/ou equidades, que nos ajudam a compartilhar nossos saberes e exercitam nossa imaginação. Entende-se assim a importância da oralidade como o ato de ouvir o outro, o que o esse outro nos brinda com conhecimento, por meio da memória que se apresenta enquanto histórias vividas e repassadas pelos mais velhos.

O contexto de nossa atuação, evidenciou alguns paradoxos, como, o estranhamento em realizar a contação de história em frentes às câmeras, o que antes, no caso específico do projeto Narrativas de Orí, era apresentado na presença do público e com a interação das crianças e das demais pessoas que passavam pelas ruas. A adaptação necessária, nos colocou em um ambiente de contato diferenciado; aquele que vem com comentários, compartilhamentos, likes e reações virtuais. Entretanto, também foi possível alcançar outros públicos mais distantes, como o de outros estados, com a participação de contadoras de histórias em outras localidades, como por exemplo, São Paulo, Pernambuco, Bahia, entre outros.

Sendo assim, a contação de história referenciada nesta análise, é um elemento lúdico e interativo de elo ancestral, que acessamos para tocar nas questões culturais, sociais, históricas e étnico-raciais, possibilitando um momento de troca e integração entre as diferentes culturas. Um modo potente e sensível de ativar a imaginação e estabelecer pontes culturais em que as práticas e as histórias do povo negro brasileiro apareçam devidamente protagonizadas e valorizadas.

REFERÊNCIAS

- AGUSTONI, Prisca. **O mundo começa na cabeça**. Ilustrações: Mões, Tati. São Paulo: Paulinas, 2011.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Rio de Janeiro. Produção Editorial LTDA, 2019.
- ALMEIDA, Pedro. **Corpo-oralidade**. Curitiba: Poncã produções e Arte, 2019.
- BARBOSA, Rogério Andrade. **Kakopi, Kakopi**: Brincando e jogando com as crianças de vinte países africanos. Ilustrações: PIRILLO, Marília. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2019.
- BLOGUEIRAS FEMINISTAS. Conceição Evaristo: literatura e consciência negra. Brasil, 22 jan. 2011. Disponível em: <https://bloqueirasfeministas.com/2011/11/22/conceicao-evaristo/>. Acesso em: 21 mar. 2023.
- BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República [2003]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 22 jun. 2021.
- BRASIL. **Lei nº 11.645**, de 10 março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília, DF: Presidência da República [2008]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm. Acesso em: 22 jun. 2021.
- BRASIL. **Lei nº 12.711**, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República [2012]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/12711.htm. Acesso em: 22 jun. 2021.
- DOS SANTOS FILHO, Eudaldo Francisco; ALVES, Janaina Bastos. A tradição oral para povos africanos e afrobrasileiros: relevância da palavra. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 9, p. 50-76, 2017.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Pallas Editora, 2010.

FERRAZ, Abdu et al. Contos e tradições orais em culturas africanas. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 26, 2003.

NEVES, André. **Obax**. Ilustrações: NEVES, André. São Paulo: Brinque-book, 2010.

OLIVEIRA, Kiusam de. **Omo-oba**: histórias de princesas. Ilustrações: MARINHO, Josias. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

PRANDI, Reginaldo. **Ifá o adivinho**: histórias dos deuses africanos que vieram para o Brasil com os escravos. Ilustrações: RAFAEL, Pedro. São Paulo. Companhia das Letrinhas, 2002.

RITER, Caio. **Pedro Noite**. Ilustrações: RIOS, Mateus. São Paulo: Editora Biruta, 2011.

SIQUEIRA, Giuliano Tierno de. **O Narrador**: considerações sobre a arte de contar histórias na cidade. 2016.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução: Ferreira, Jerusa P.; FENERICH, Suely. São Paulo. Cosac Naify Portátil, 2014.

Recebido em 01-11-2021
Revisões requeridas em 04-03-2023
Aceito em 22-03-2023